

11 Processo n. 00.0003372-3 (Ação de Interdito Proibitório) - Justiça Federal de Cuiabá - 1a. Vara / laudo de EGW

Processo 3372-3 / 1a Vara MT
Pimentel Barbosa - Xavante
Autor: Espólio de Norberto Schwantes

Quesitos:

1- Se a região compreendida pela Área Indígena Pimentel Barbosa é habitat tradicional do Povo Indígena Xavante?

A região compreendida pela Área Indígena Pimentel Barbosa é habitat do povo Xavante desde meados do século passado.

Os Xavante, família lingüística Gê, localizados no atual rio das Mortes (antigo rio Manso), são, na realidade, uma subdivisão da grande nação Xerente, cujo habitat era o atual Estado de Tocantins entre os rios Tocantins e Araguaia, entre os meridianos 48º e 51º, paralelo 12º e 16º. Durante o segundo quartel do século XIX (1825 a 1850), forçados por vários motivos, entre eles terem sido vítimas de fazendeiros que tentavam escravizá-los e, de missionários católicos que desejavam catequizá-los, houve uma cisão no enorme grupo dos Xerente. Uma metade, que passou a ser conhecida como Xavante, ultrapassou o rio Tocantins e o Araguaia e, caminhando em direção à oeste, atingiu o rio das Mortes fundando a aldeia no local denominado atualmente de São Domingos (cf. Baptista:1981), em seguida se fixou definitivamente às margens do rio das Mortes, local atualmente denominado Pimentel Barbosa, constituindo o primeiro ponto de concentração dos Xavantes em Mato Grosso. Foi também o primeiro ponto de difusão do grupo pelas terras matogrossenses ocupando a região constituída pelos limites a leste pelo baixo Rio das Mortes, ao norte pelos contrafortes da Serra do Roncador a oeste pelos Rios Ronuro e Batovi, formadores do Xingu, e ao sul pelo médio Rio das Mortes. A ocupação dessa região deu-se paulatinamente a partir da atual área de Pimentel Barbosa.

"O novo habitat Xavante em terras matogrossenses apresentava como limite sul o rio das Mortes que os separava do território Bororo, de quem eram inimigos ferrenhos, a leste o rio Araguaia apartava-os do mundo civilizado e mais a nordeste dos índios Karajá, outra tribo inimiga; ao norte limitava-se com o rio Tapirapé, habitado pelos índios homônimos, único grupo com os

quais os Xavante parecem não ter tido conflitos e a oeste a serra do Roncador isolava-os dos habitantes da região dos formadores do Xingu (Vários autores localizam os limites do território Xavante nesta área : Baldus (1948:157; 1938:238); Arlaga (1943:107); Maicher (1964); Aurell (1966:102); Cunha (1969:26); Giaccaria & Heide (1972: 36); Fonseca (s.d. 24-25); Aurell (s.d. 91); Bandeira Anhanguera (1938:191-2); Silva (1935 (b):223." (1991:73 e 74).

Quanto ao século XX, as notícias vem pelos ataques a seringueiros, missionários e a outros grupos indígenas que adentravam seu território, então situado na Serra do Roncador, entre os rios Coluena, afluente do rio Xingu e Rio das Mortes, afluente do Araguaia, na zona norte-oriental do Planalto do Brasil Central (Cf. Giaccaria, 1972:36).

Em 1922, os Xavante ocupavam as duas margens do Rio das Mortes, fato que pode ser comprovado pelos registros de vários ataques a seringueiros e missionários que tentavam pacificá-los. Como marco desta ocasião tem-se o registro da morte de dois padres calesianos que, ao subirem o Rio das Mortes, para contactar os Xavante, foram mortos pelos mesmos em 1934. (Cf. Giaccaria, 1972:28).

Apesar dessa marcante defesa, a resistência Xavante cede, conforme menciona Serpa (1990) ao citar Ravagnani (1977:162-3) que no final da década de 30 encontram-se "encurralados, sem possibilidades de novas migrações, cercados por criadores de gado, com o território invadido por todos os lados, seus rios navegados por poderosas lanchas motorizadas, seus campos cortados por várias expedições, as aldeias tomadas de surpresa e atacadas com armas eficientes, suas casas vasculhadas e roubadas, fazendas e povoados florescendo em suas terras". (1990: 122).

Em 1941, foi morto Pimentel Barbosa o inspetor do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), enviado à área com objetivos de contactá-los. Os Xavante exterminaram "junto à aldeia mesmo, a expedição do doutor Pimentel Barbosa: seis mortos e um só sobrevivente, que conseguiu salvar-se fugindo". (Giaccaria, 1972:28).

22Processo n. 00.0003372-3 (Ação de Interdito Proibitório) - Justiça Federal de Cuiabá - 1a. Vara / laudo de EGW

Se a resistência Xavante se encontrava enfraquecida no final da década de 30, pior ficou, conforme registra Serpa (1990) da década seguinte com: "a expedição Rocandor-Xingu, posteriormente absorvida pela Fundação Brasil Central, criada em 1943, penetrando neste território veio minar definitivamente a capacidade de resistência dos Xavante. Tendo como objetivos a conquista do sertão matogrossense para transformá-lo em área produtiva, integrada ao capitalismo nacional, esta fundação buscava fazê-lo através da sedentarização da população nômade de colonizadores do sertão e da atração de novos habitantes. Era imprescindível, portanto, conquistar o território Xavante, o que foi feito através de uma investida que contava com amplos recursos. As aldeias localizadas por aviões cujos vôos rasantes apavoravam os Xavante que, em vão, procuravam atingi-los com bordunas e flechas enquanto mulheres e crianças, em desespero, tentavam fugir para o mato." (1990, 123).

Em 1944, foi confiada a Francisco Meireles a "pacificação" Xavante. No início de 1946, após um ano de trabalho de atração, o sertanista contata pela primeira vez os Xavante, pacificamente, em Mato Grosso. Cf. Ravagnani, no século XIX houve uma primeira pacificação dos Xavante. Acrescenta Serpa (1990), para esclarecer que essa pacificação não foi definitiva: "Entretanto, ao esgotarem-se os presentes, os Xavante começaram a fechar o cerco e Meireles percebendo suas intenções, orientou seus auxiliares para que montassem rapidamente. Galoparam sob uma chuva de flechas, sem maiores conseqüências, porém. Em 1947 novo contato amistoso foi mantido, durante todo esse tempo, moradores da região ou de suas fronteiras foram atacados pelos Xavante. Em 1949, os Xavante já visitavam o Posto Pimentel Barbosa mas continuavam os ataques a São Félix e arredores. Algum tempo depois, os Xavante visitavam as casas dos moradores sertanejos, pegavam o que queriam e deixavam, em troca, arcos e flechas. Para Sylvio da Fonseca (apud Ravagnani, O., 1977:85), os Xavante, nesta altura, já não tinham muitas alternativas: cabia-lhes 'ou realizar uma política de aproximação com os seus vizinhos, transgindo com a civilização, ou se submeter à guerra em todos os "fronts"/ só assim se pode compreender a atitude complacente assumida pelos Xavante para com Francisco Meireles e seus homens, bem diversa daquela que tiveram para com Pimentel Barbosa'. Em

1953, os Xavante mudaram sua aldeia para um local tão próximo de São Domingos que se poderia ir a pé"(Cf. Maybury-Lewis, 1967:5)." (1990: 124-5).

Para corroborar, Davis escreve que "na última década, uma importante frente de expansão de fazendas de gado formou-se nos municípios de Barra do Garças e Luciara, no Mato Grosso. Durante quase um século, essa imensa região, entre os rios Araguaia e Xingu, estava fechada à colonização brasileira devido aos ataques dos índios Xavante de língua Gê. Em 1946, o Serviço de Proteção aos Índios pacificou os Xavante, e uma corrente constante de colonos começou a se deslocar para a área..."(1978:143).

Quanto à definição, expedição de decretos e demarcação da Reserva Indígena Pimentel Barbosa, há estudo realizado pela historiadora Marta Maria Lopes, sintetizado no laudo de Valadão (1994), [mencionado também por Serpa, 1990] do qual transcrevemos algumas partes, importantes para esclarecimento do atual processo. "A reserva para os Xavante de Pimentel Barbosa, assim como Areões e Couto Magalhães foi decretada e modificada em 1969 pelos decretos 65.212 (12.09.69) e 65.405 (13.10.69). Os Xavante permaneceram em São Domingos até o ano de 1970, quando foram transferidos para o atual local, às margens do rio das Mortes.

"Os decretos de 1969 foram substituídos pela Portaria 11.104 de 1972, pelo decreto 75.426 de 1975, pelo decreto 83.262 de 1969 foram modificados sob alegação de inviabilidade, pois estabelecia limites que englobavam povoados e fazendas já estabelecidas.

"Iniciou-se então, em 1973, processo demarcatório tumultuado e fraudulento. No limite sul da Reserva, foram trocados os nomes do córrego Água Suja para Água amarela. No limite oeste foram feitos dois diferentes piques demarcatórios entre 1973 e 1974. Ambos os limites estavam ocupados por fazendas, cuja maioria obteve seus títulos de propriedades a partir de Certidões Negativas fornecidas pela FUNAI justamente entre os anos de 1973 e 1975. O arquivo do posto da FUNAI foi queimado pelo funcionário responsável, Sr. Jamiro Arantes, sob argumentos que os arquivos não tinham mais utilidade pois eram do tempo do SPI ou do Gal. Bandeira.

"A reserva foi demarcada em 1974 com base em mapa desenhado pela Cartografia da FUNAI. O mapa não encontrava nem os cursos corretos dos rios, nem da rodovia BR 158.

33Processo n. 00.0003372-3 (Ação de Interdito Proibitório) - Justiça Federal de Cuiabá - 1a. Vara / laudo de EGW

"Em dezembro de 1978 os Xavante atacaram a fazenda Real, Caçula, Canoa e Acerere. Queimaram casas, destruíram plantações. Em vista do conflito, no dia 12 de março de 1979, o presidente Geisel assinou o decreto 83.262 que devolvia aos Xavante o direito a antiga reserva.

"Em 1979, sob pressão dos índios, verificou-se que os limites físicos não correspondiam aos limites decretados, representando uma perda de 35% do território. As perdas eram também qualitativas pois as melhores terras, áreas cultiváveis de mata, localizavam-se nas diferenças entre os dois rios do limite sul e na diferença entre os dois piques demarcatórios do limite oeste.

"José Valdênio Viriato, ex-servidor da FUNAI, foi apontado como o principal responsável pelas fraudes, pois havia servido de intermediário na aquisição de terras nas áreas conflitantes, era possuidor de fazenda entre a reserva e a BR 158, dentro dos limites da área indígena, e foi, enquanto servidor da FUNAI, responsável pelo fornecimento das certidões negativas.

"A alteração feita na reserva atingiria principalmente a UTA Agropecuária SA e outros fazendeiros que impetraram Mandado de Segurança contra o Presidente da República em junho de 1979. Alegavam que desde os decretos de 1969, a União percebera que a reserva possuía limites inviáveis e o decreto 83.282 de 1979, era além de tudo inconstitucional.

"Foi realizada Sindicância na Fundação Nacional do Índio e Inquérito no âmbito do Ministério do Interior para apurar a responsabilidade dos funcionários federais envolvidos. Dadas as dificuldades do problema, o Ministério do Interior solicitou à Secretaria Geral do Conselho de Segurança Nacional que colaborasse na avaliação dos fatos. As provas foram consideradas insuficientes apesar de comprovada a troca dos topônimos (nomes dos rios) e a incompatibilidade dos mapas com a realidade geográfica. Ficou também demonstrado que o limite oeste havia sido construído artificialmente de modo a fechar o polígono descrito.

"A criação da reserva de Parabubure e os acertos na reserva de Pimentel Barbosa, gerou, em 1980, a aliança de fazendeiros de Barra do Garças com o prefeito daquela cidade Vilmar Peres de Faria e com o deputado estadual Roberto Evaristo Cruz, que iniciaram campanha em todos os veículos de comunicação matogrossense contra as demarcações. Este acordo foi selado na Câmara Municipal de Barra do Garças em março de 1980.

O prefeito solicitou que o governador de Mato Grosso tomasse providências em relação ao que consideravam "desmandos da FUNAI" que por sua vez enviou memorial ao Presidente da República. Os fazendeiros só se tranqüilizaram quando a FUNAI enviou ao Coronel Anael Lemos, em meados de 1980, para avisá-los de que o Senado votaria uma legislação indenizatório aos fazendeiros (Marta Lopes, 1980).

"Como consequência, os Xavante de Pimentel Barbosa conseguiram renegociar acertos nos limites que redundaram em pequenos ganhos para a comunidade em relação às propostas de 1973 e 1975 (início das demarcações). A atual reserva foi finalmente homologada pelo decreto 93.147 de 20.08.86.

"O histórico de formação de reserva bem como os documentos apresentados em anexo permite observar que a demarcação foi obtida a em meio a conflitos e pressões de toda ordem, redundando em perdas territoriais indígenas em relação às primeiras propostas datadas em 1969." (1994:12-14).

Lembrada a demarcação da Reserva Indígena Pimentel Barbosa, observam-se a seguir alguns aspectos a respeito do habitat Xavante, no qual se insere a Área Indígena Pimentel Barbosa, segundo o do estudo realizado por Maybury-Lewis (1984).

"O território Xavante constitui uma parte da porção ocidental do Planalto Brasileiro. É uma região de campos cerrados, a cerca de 600 metros acima do nível do mar, o que a protege de índices extremados de calor e de umidade. Há uma estação seca, bem demarcada, que vai de maio a setembro, quando até mesmo uma garoa é acontecimento raro e quando os viajantes cujas rotas se distanciam dos rios maiores estão seriamente expostos à sede. Durante este período, os lagos que se formam na estação chuvosa recobrem-se de tufo esparsos de capim que surgem no meio de "poças" de lama ressecada, que se quebram sob o pé como gelatina. Nesses "lagos", por mais que se cave, só é possível encontrar uma quantidade mínima de água muito barrenta. As chuvas chegam em outubro e, em geral, são fortes. Em janeiro e fevereiro, a terra costuma ficar encharcada, inundada mesmo, de modo que caçadores e índios andam sempre com água quase pelos joelhos. O viajante tem, então, dificuldade para encontrar um lugar seco onde possa acampar para passar a noite ou,

44Processo n. 00.0003372-3 (Ação de Interdito Proibitório) - Justiça Federal de Cuiabá - 1a. Vara / laudo de EGW

simplesmente, onde possa se deitar para dormir. (id.,1984:75)

"O solo é de arenito, conglomerado e xisto (Sauer, 1950:323) e é geralmente conhecido por sua má qualidade." (...) (id.,1984:75)

"Dadas as circunstâncias compreende-se porque os Xavante foram deixados relativamente em paz e puderam perambular em sua terras durante tanto tempo. Quando se diz que o território Xavante é constituído por "campos", é preciso ressaltar que não se trata de "campos limpos", muito valorizados como pastagens e sim de "campos cerrados". Um geógrafo descreveu estes "campos cerrados" como sendo "uma savana com moitas esparsas de mata mirrada e temporária" (James, 1941:505). Podem, às vezes, ser produtivos, mas geralmente (e este é o caso do território Xavante), são solos pobres e constituem algumas das regiões menos densamente povoadas em todo o Brasil. (id.,1984:76)

"Os Xavante gostam do cerrado por sua amplitude, por ser aberto em comparação à floresta tropical, encontrada em todo o seu território nas matas-galeria que se formam ao longo de todos os cursos d'água. Até mesmo os menores riachos correm num túnel formado por mata densa. Os Xavante apreciam as matas ciliares porque nelas sempre encontram água e muita abundância de raízes e frutas, que são a base de sua alimentação. As palmeiras de buriti (Mauritia sp.), cujas folhas fornecem a fibra para seus ornamentos cerimoniais, são freqüentemente encontradas nas matas-galeria (embora não apenas aí), bem como as árvores cuja madeira é utilizada na manufatura de vários artefatos. E' aí, também, que se encontra o melhor solo para o cultivo de suas culturas escassas. Além disso, estes lugares são geralmente bons para caçar, pois os animais sentem-se atraídos pela sombra fresca e úmida destas matas." (...) (Maybury-Lewis, 1984:76-7)

Quanto às atividades de subsistência, segundo o mesmo autor (1984), "pensou-se, com freqüência, que as tribos que habitam os campos cerrados do Planalto Central subsistiram principalmente (senão exclusivamente) graças à caça e à coleta. As tribos Jê eram, portanto, consideradas como sociedades de caçadores por excelência: sua agricultura era tida como extremamente rudimentar ou mesmo inexistente. As pesquisas de Nimuendajú (1946:57) e Lowie (1946:480) muito contribuíram para corrigir essa visão pois mostraram que todas as tribos Jê até então conhecidas haviam sempre praticado uma

agricultura módica mas significativa, que tinha, (...) uma importância considerável." (id.,1984:79)

Para caça e coleta, portanto são utilizados todos os ambientes, conforme Valadão (1994) principal atividade, "a que os interessa mais do que qualquer outra para a qual despendem mais energia e a respeito da qual falam sem cessar. Reúnem-se diariamente no centro da aldeia para comentar detalhes de caçadas, trocar informações e para comentar detalhes de caçadas, trocar informações e fazerem planos para caçadas coletivas. Envolvendo sonhos constantes, iniciações masculinas, feitiços e controle de forças sobrenaturais, a caça e a valorização do bom caçador encarnam o ideal de masculinidade Xavante e sua importância transcende o valor alimentício propriamente dito constituindo-se em elemento simbólico fundamental para a reprodução cultural da sociedade Xavante."(1994:s/p).

Em relação a essa atividade, Maybury-Lewis(1984) observa que, "sem a caça, a cultura Xavante seria muito diferente; mas sem a coleta, os Xavante não seriam jamais capazes sequer de existir. Em 1958, os Xavante de São Domingos não comiam carne todos os dias e chegavam a ficar sem carne durante vários dias seguidos quando estavam muito ocupados para ir caçar. Nunca se passava um dia, porém, sem que os produtos naturais da região estivessem à mão. (id.,1984:87)

"Esses produtos eram, basicamente, de três tipos: raízes, cocos e frutas. (...) São coletadas em grandes quantidades em certas regiões do cerrado e fornecem uma dieta nutritiva embora composta quase exclusivamente de amido. Geralmente são trazidos à aldeia no fim da tarde ou ao anoitecer: as fogueiras são acesas (ou reavivadas) e metade das raízes são cozidas em panelas enquanto que as demais são assadas diretamente na brasa. As assadas ficam prontas primeiro e podem ser ingeridas na própria casca ou são descascadas, de acordo com a vontade do indivíduo."(id.,1984:87)

"O território Xavante é, portanto, naturalmente bem dotado para a manutenção de uma pequena população de caçadores e coletores nômades. Um coletor eficiente consegue alimentar várias bocas sem dificuldades excessivas. Como coleta é basicamente uma atividade feminina, deduz-se que as mulheres constituem componentes economicamente ativos no âmbito do grupo doméstico. Os homens, às vezes, também saem para coletar, já que não consideram que

55Processo n. 00.0003372-3 (Ação de Interdito Proibitório) - Justiça Federal de Cuiabá - 1a. Vara / laudo de EGW

essa atividade os diminua. Acontece simplesmente que a maior parte do seu tempo é despendido na caça, na vida social e cerimonial da comunidade, da qual as mulheres participam pouco. As excursões de coleta com outras mulheres representam, aliás, uma das poucas oportunidades oferecidas a uma mulher de relacionamento social fora de casas. O resultado é que as mulheres gostam de ir coletar e geralmente procuram voltar mais cedo para tomarem juntas um banho gostoso no rio mais próximo ao acampamento." (id.,1984:92)

Quanto à pesca, o interesse dos Xavante, segundo Mayburi-Lewis (1984) "foi despertado pela introdução da técnica do anzol e da linha. É utilizada hoje com exclusividade e os Xavante deixam de pescar quando não dispõem desse material.

"... Para ganhar tempo, voltaram-se para a pesca e descobriram que, gastando pouco tempo e com pouco trabalho, um homem com anzol e linha pode pescar o suficiente para alimentar todo um grupo doméstico.

"A pesca é, portanto, uma atividade importante apenas durante o período em que os Xavante se fixam temporariamente em algum lugar. Caso contrário, alguns homens entregam-se a pescarias ocasionais seja porque não estão com vontade de caçar, seja porque os rios das redondezas são especialmente piscosos. A pesca só é praticada com certa regularidade pelo menino. As mulheres nunca pescam, a não ser quando usam uma panela ou uma peneira para pegar grandes porções de piabinha. Estes peixinhos são apreciados como iguarias especiais mas tem pouca importância na dieta Xavante" (1984: 97-98).

Diante do exposto, conclui-se que a região compreendida pela Área Indígena Pimentel Barbosa é habitat tradicional dos Xavante.

2- De quando data essa ocupação?

Para Valadão (1994), "a Área Indígena Pimentel Barbosa constitui terras tradicionalmente ocupadas pelos índios Xavante pelo menos desde o século XIX, quando então cisões internas dividiram os grupos Akwê Xavante que migraram em diferentes direções". (1994:s/p).

A mesma antropóloga acrescenta: "A história da ocupação territorial dos Xavante não foge à regra da história dos demais grupos

índigenas localizados em território brasileiro desde os primórdios da colonização portuguesa: todos foram sendo sistematicamente "empurrados" pelo avanço das diferentes frentes de exploração econômica."(Valadão, 1994:s/p).

Segundo relato colhido por Giaccaria e Heide (1972), velhos Xavante resumem sua trajetória dos últimos séculos da seguinte maneira:

"Antigamente os Xavante habitavam em U'rere e os brancos vieram morar entre os Xavante e no início pareciam bons. Davam-lhes presentes. Depois os brancos falaram entre si: - Maltratamos os Xavante, e roubamos as suas mulheres. E os Xavante perceberam que o brancos queriam fazer-lhes mal e disseram: - façamos também nós mal a eles; matemos os seus porcos. Os dois chefes Xavante contaram aos brancos que os Xavante matavam os porcos e assim os brancos atacaram e prenderam os Xavante. Assim os Xavante foram expulsos de U'rere. Então os Xavante disseram: - Matemos os dois chefes, que estão sempre conosco e não nos defendem. O grupo fica aqui em casa, enquanto nós vamos esconder-nos na mata onde passam os dois chefes.

"Quando os dois chefes passaram lá foram presos e mortos e, junto com eles, também os seus amigos e uma mulher que queria defendê-los. Depois os Xavantes foram mais para frente construíram outro acampamento. Um outro grupo de brancos seguiu-os. Os Xavante estavam cobrindo as choças com palha seca e os brancos alcançaram-nos onde estavam. E que os brancos, disparando, mataram muitos Xavante. O grupo Xavante que vivia com os brancos, ajudava a matar e quase todos foram massacrados. Dois Xavante homens escaparam, enquanto as mulheres foram levadas pelos brancos. Esses dois homens foram para outros lugares e encontraram outras tribos, até encontrarem os Xavante."(1972:13).

Após analisar a história de contato dos Xavante, anterior a sua penetração em território matogrossense, Serpe (1990) observa que "um grupo mais "ortodoxo" teria se desligado de outros que atacavam o contato e se dirigido à região do rio das Mortes, que atravessou. Este grupo teria se chocado então com os Karajá. Em 1844, é noticiada a presença de Xavante na Ilha do Bananal. O líder desse grupo era Eutsé, de acordo com as narrativas orais dos Xavante, registradas (por) Giaccaria e Heide (1972). Segundo essas narrativas os Xavante, haviam fundado uma aldeia às margens do rio Araguaia, afastando-se dos brancos que, voltando a importuná-los, resolveram

66Processo n. 00.0003372-3 (Ação de Interdito Proibitório) - Justiça Federal de Cuiabá - 1a. Vara / laudo de EGW

atravessar o rio e fundar uma nova aldeia próxima ao rio Cristalino. Passado algum tempo, descobriram um acampamento de brancos que teria vindo ao encontro deles com a finalidade de atacá-los. Aproveitando as noites chuvosas da estação, resolveram fugir e atingiram o das Mortes, onde uma parcela do grupo atravessou o rio e a outra, com medo do botos permaneceu ao longo do rio (Cf. Giaccaria, B. e Heide, A., 1972:23)." (1990:117).

E continua, pouco adiante, "os conflitos com Bororo e Karajá explicam-se pela intrusão dos Xavante recém-chegados, de disputam território controlado por estes povos, territórios ainda não ocupados por brancos." (id., 1990:119).

Quanto à data de ocupação dessa região pelos Xavante, Ravagnani (1991), verifica que "... a estranha notícia de Xavante em Mato Grosso já em 1800, ou seja, doze anos após a submissão do primeiro grupo aldeado no Carretão, antecipa as datas da imigração sugeridas em várias hipóteses. De acordo com Maybury-Lewis (1965:335) teria se dado na década de 1840, para Darcy Ribeiro (1970:65) a partir de 1859, para Giaccaria e Heide (1972:23) por volta de 1860-70, pela nossa, a partir de 1820. É verdade que já existiam em 1800 as condições que os levaram posteriormente a imigrar para o Rio das Mortes: contato permanente na aldeia do Carretão e esporádico com as frentes de expansão. Mas muitos documentos registram sua estada em vários locais da Província até bem mais tarde. Por isso supomos que se trate de um caso isolado, de apenas um grupo que para lá se dirigiu, antecipando um processo que se desencadearia duas décadas mais tarde." (1991:72).

De acordo com esses autores, a região compreendida entre os rios das Mortes e Ronuro foi, desde o século XIX, o "habitat" exclusivo dos Xavantes até meados do século XX, quando penetram os primeiros civilizados após a atração efetuada por Francisco Melreles em 1946 e com a entrada da Fundação Brasil Central no núcleo João Alberto, hoje Xavantina. (Cf. Baptista, 1981:3)

Segundo Lopes da Silva (s/d apud Valadão 1994): "Calcula-se que a penetração dos Xavante em território matogrossense tenha ocorrido por volta de 1870. Atravessando o Araguaia, o grupo liderado por Butsé concentra-se na aldeia de WEDE U, onde sofrem epidemias em consequência das quais todos os velhos vêm a falecer. Os Xavante deixam, então, essa aldeia e

se mudam para a de ITSOREPRE, onde vivem cerca de trinta anos. As duas aldeias localizam-se na região do rio das Mortes. Ao fim desses trinta anos, por motivos políticos, há uma cisão e parte do grupo funda nova aldeia ETE RAU RAWAWE, mais a noroeste, provavelmente na região do rio Sete de Setembro. Parte desse grupo logo volta ao rio das Mortes e se junta aos companheiros de ITSOREPRE. Entre as duas aldeias há enfrentamentos. Os moradores do Sete de Setembro deslocam-se para o sul e passam a morar na região conhecida como Lagoa, às margens do rio Couto Magalhães. É ali que fundam a aldeia de WABDIZEREWAPRE. Enquanto isso, nova cisão ocorre ITSOREPRE." (1987:13)

"Na região em do rio das Mortes conseguiram o isolamento que procuravam, ocupam uma "terra de ninguém" e durante os últimos trinta anos do século XIX parecem não ter sido molestados (Maybury-Lewis, 1967:2). Em território matogrossense, defendem seu território de colonizadores e intrusos: promovem constantes ataques aos pioneiros e às expedições de exploração que penetram seu território. Em 1854, por exemplo, Frei S. Taglia comanda uma expedição para "chamá-los à civilização" (Ravagnani, 1977:127)." (Lopes da Silva, 1987:13).

Em Ravagnani (1977) apud Lopes da Silva (1987) encontramos observações que se referem à ocupação das terras pelos Xavante. "É o caso também, da expedição chefiada pelo tenente-coronel Antonio Tupi Caldas, composta por onze praças e dois civis que chegam ao rio das Mortes, em 1887, para explorar a região e são atados pelo Xavante. Houve uma vítima de morte e os índios foram espantados a tiros (Ehrenreich apud Souza, L., 1953:17). Havia, também nesse período, conflitos entre os Xavante e povos vizinhos (Ehrenreich apud Maybury-Lewis, D., 1967:2). Os conflitos com Bororo e Karajá explicam-se pela intrusão dos Xavante recém-chegados, que disputam territórios até então controlados apenas pelos outros dois povos indígenas. Tratava-se, portanto de disputas entre índios, em território ainda não habitado por brancos. em 1906, os constantes ataques dos Xavante aos Bororo fizeram com que estes se estabelecessem na Colônia de Meruri, junto aos Salesianos (Souza, L., 1953:18), no rio das Garças. Diz Baldus que, "de medo de todos os seus vizinhos (brancos, a oeste, leste e sul e Kayamo - termo pelo qual os Bororo

77Processo n. 00.0003372-3 (Ação de Interdito Proibitório) - Justiça Federal de Cuiabá - 1a. Vara / laudo de EGW

designam os Xavante - ao norte), os Bororo vieram, há mais de trinta anos, às missões salesianas"(1937:113). Na verdade, não era por medo que os Bororo recuavam. Enfraquecidos pelas incursões freqüentes de bandeirantes e mineiros culabanos que fundaram em seu território numerosos arraiais e pela utilização de seus guerreiros na guerra contra os Kayapó meridionais, sob o comando de Antonio Pires de Campos, os Bororo não tiveram como enfrentar os Xavante na defesa de seu território (Ravagnani, O., 1977:123; apud Lopes da Silva, 1987:13).

Em 1946, a expedição chefiada pelo sertanista Francisco Meirelles estabeleceu contato pacífico com os Xavante da região. O encontro começou bem, mas acabou mal. "Ao esgotarem-se os presentes, os Xavante começaram a fechar o cerco e, Meireles percebendo suas intenções, orientou seus auxiliares para que montassem rapidamente. Galoparam sob uma chuva de flechas, sem maiores conseqüências. Em 1947 novo contato amistoso foi mantido mas durante todo esse tempo, moradores da região ou de suas fronteiras foram atacados pelos Xavante. Em 1949 os Xavante já visitavam o Posto Pimentel Barbosa mas continuavam os ataques a São Félix e arredores. Algum tempo depois, os Xavante visitavam as casas dos moradores sertanejos, pegavam o que queriam e deixavam, em troca, arcos e flechas. para Sylvio da Fonseca (apud Ravagnani, O., 1977:185) os Xavante, nesta altura, já não tinham muitas alternativas: "cabia-lhes ou realizar uma política de aproximação com seus vizinhos transgindo com a civilização, ou se submeter à guerra em todos os "fronts". Só assim pode se entender a atitude complacente assumida pelos Xavante para com Francisco Meireles e seus homens, bem diversa daquela que tiveram com Pimentel Barbosa". Em 1953, afinal, "os Xavante concordaram em mudar sua aldeia para um local tão próximo a São Domingos que se podia ir a pé "(Maybury-Lewis, DÍ., 1967:5)" (Silva, 1987:14-15).

"Geralmente a pacificação dos Xavante é narrada como fato único, acontecido de uma só vez. Na verdade, outras regiões do Mato Grosso estavam, desde a década de 30, povoados pelos Xavante" (Silva, 1987:15).

Segundo os dados supra-citados, pode-se verificar que, os Xavante localizados atualmente no rio das Mortes já se encontravam desde antes de 1856.

3- Se o grupo Xavante utiliza-se de toda a área para sua sobrevivência físico e cultural, especialmente na área sub judice?

O grupo Xavante utiliza-se de toda a área para sua sobrevivência físico e cultural. Quanto à área sub-judice, é de fundamental importância sua preservação, considerando-se que nela operam-se nascentes de córregos que penetram na Área Indígena Pimentel Barbosa, de capital importância para a sobrevivência dos Xavante, especialmente para os habitantes da aldeia Água Branca. Essa afirmação apóia-se em dados obtidos in loco, e respalda-se em estudos realizados pelos autores abaixo mencionados.

A Área Indígena Pimentel Barbosa, utilizada pelo grupo Xavante no seu todo, cabe ressaltar a necessidade da preservação das nascentes que atingem especialmente a aldeia Água Branca, e seus arredores. A ocupação do território não é feita aleatoriamente, mas, segundo Valadão (1994): "cada aldeia Xavante mantém direitos de propriedade coletiva sobre uma certa área e sobre seus produtos mas não reconhece fronteiras específicas entre o seu próprio território e o de outros grupos. No passado a composição demográfica de cada aldeia não era constante, já que não era determinada por descendência por algum outro princípio equivalente. Os Xavante sentiam-se livres para vagar fora de "seu próprio" território se estavam preparados para se arriscar, havendo a possibilidade de choque com outros grupos Xavante que podiam ressentir-se da intrusão. Assim também, cada indivíduo tinha liberdade para transferir sua lealdade de uma comunidade para a outra."(1994:s/p)

Para complementar essa forma de ocupação territorial, é importante recordar Maybury-Lewis (1984) que escreve: "Os Xavante não constituam uma unidade política. Suas comunidades são autônomas e raramente estão separadas por uma distância menor que a equivalente a um dia de viagem. Uma vez que os Xavante calculam o tempo de viagem de acordo com a distância que pode ser percorrida a pé, isto significa que as suas comunidades estão geralmente separadas por 50 quilômetros, pelo menos. De fato, a maioria delas está ainda mais distante (...)." (1984: 50).

A atual distância ¹ entre as aldeias é aproximadamente a seguinte:

Água Branca a Pimentel Barbosa: 80 Km

38Processo n. 00.0003372-3 (Ação de Interdito Proibitório) - Justiça Federal de Cuiabá - 1a. Vara / laudo de EGW

Água Branca a Apoê	70 Km
Apoê a Pimentel Barbosa	71 Km
Tangura a Pimentel Barbosa	60 Km.

O dados acima, obtidos em março de 1995 correspondem à observação do antropólogo Maybury-Lewis. A distância entre aldeias, conforme esciarcete o cacique Damião permite que em suas expedições de caça, distanciem-se até acima de 20 Km da aldeia, numa jornada, e dificilmente se encontrem com outros caçadores Xavante, que provenham de outras aldeias.

Em Maybury-Lewis (1984) encontramos o registro de que "até recentemente os Xavante eram semi-nômades. A comunidade estava "localizada", portanto, no lugar em que grandes casas cobertas com folhas de palmeiras eram construídas. Em sua forma, assemelhavam-se a grandes colméias e eram feitas para durar alguns anos." (1984:50)

Atualmente, (março/95) nem todas as casas correspondem à arquitetura descrita acima. Encontram-se casas com paredes perpendiculares, (não arredondadas desde a base, como sugere a comparação com colmeia), fechadas com palha de palmeira (buriti ou babaçu), ou barreadas. E a população atual, dividida segundo as aldeias, da Reserva indígena Pimentel Barbosa é a seguinte:²

Aldeias: Pimentel Barbosa:	350
Água Branca	389
Apoê	214
Tanguro	57

Particularmente para a população da aldeia Água Branca, a preservação da área sub judice é importante especialmente para assegurar a qualidade da água dos mananciais que tem suas nascentes nessa área. Os Xavante, além disso, estão se adaptando a uma economia diferente, como forma de acomodação à nova realidade, a partir da pacificação, o que se pode inferir a partir do estudo de Maybur-Lewis (1984) que escreve: "Todas as expedições de caça e coleta que caracterizavam os períodos de vida nômade tinham ali (na aldeia) seu ponto de partida e de chegada mas seus habitantes passavam a maior parte do ano em regiões mais ou menos distantes. Nos últimos períodos de nomadismo, durante as viagens, construíam abrigos muito menores que eram ocupados uma única noite, às vezes uma

semana ou duas, mas nunca mais do que isso." (1984:50)

E continua o mesmo autor (1984): "Esse padrão seminômade de exploração da área circundante foi consideravelmente alterado ultimamente, desde 1960, aproximadamente. Em 1958 não parecia haver nenhum grupo que o tivesse abandonado, embora houvesse indicações de que um ou outro grupo estivesse começando a fazê-lo. Em 1962 havia evidências de que certos grupos estavam começando a abandonar este modo de vida, embora os Xavante o negassem terminantemente. Dois anos mais tarde, alguns já admitiam que não faziam muitos planos para sair em expedição de caça e coleta." (1984:50).

No entanto, a necessidade de adaptação a uma nova economia, se insere num contexto mais amplo, conforme observa Lopes da Silva (1990): "Redução dos limites do território controlado pelos índios, perda de áreas ricas em produtos de coleta; escassez da caça pela proximidade de fazendas e vilas; desequilíbrio demográfico (redução drástica da população que nos anos iniciais do contato, podendo ou não haver recuperação posterior) devido a doenças e eventualmente a conflitos na disputa pela terra; necessidade de bens manufaturados e experiências com a venda da força de trabalho parecem ser compulsões que necessária e inexoravelmente se impõem às populações indígenas em contato com a sociedade nacional." (1990: 11). E continua:

"Os Xavante não escaparam à regra. No seu caso específico, a primeira grande alteração afetou o padrão semi-nômade de exploração do meio ambiente. O processo de abandono das expedições coletivas de caça e coleta (dzômoni) está hoje quase completo. Elas sobrevivem, com frequência bem menor do que à época do contato, apenas em Pimentel Barbosa e Areões. Isto significa diminuição da frequência de atividades econômicas coletivas e traz, como alternativa para a sobrevivência, um aumento da importância da agricultura como fonte de alimentos. Ênfase na agricultura significa, além da sedentarização, ênfase em atividades econômicas individuais (as roças Xavante pertencem às famílias nucleares). Uma das conseqüências da dedicação de um número maior de horas de trabalho para a subsistência é a diminuição das oportunidades para as atividades comunitárias (sociais, rituais)." (Lopes da Silva, 1990:11-12).

99Processo n. 00.0003372-3 (Ação de Interdito Proibitório) - Justiça Federal de Cuiabá - 1a. Vara / laudo de EGW

A agricultura é desenvolvida em roças familiares ou comunitárias. As comunitárias podem ser as de "toco" (técnica da coivara), ou mecanizada. Esta última é sinônimo de plantio de arroz, que conta com a assistência da FUNAI. Em suas roças de toco, tanto as familiares quanto as comunitárias, eles plantam produtos como milho, abóbora, mandioca (transformada em farinha seca - ralada-, ou de puba -cascalho), alguma bananeira (ainda incipiente), batata, inhame, feijãozinho; cultivam árvores frutíferas como a mangueira e golabelra, e outras como o urucu e algodão. Mediante a coleta obtêm: batata do mato, pequi, urucum, mangava (mangaba), bacaba, buriti (desses dois extraem a polpa das frutas para fazer um suco); o olho da palmeira de buriti é matéria prima para confecção da bolsa e da esteira para dormir; coletam ainda o algodão; a folha do babaçu, do buriti ou então o sapé é utilizado na cobertura de suas casas; do coqueiro tucum obtêm a madeira para confecção de seus arcos, enquanto o taquari é necessário para suas flechas. Na coleta buscam mel de diversas espécies de abelhas, formigas vermelhas e gafanhotos (cf. Valadão e dados obtidos in loco).

Como animais de caça, elencaram os seguintes: anta, veado, tamanduá-bandeira, porco-queixada, caitetu, tatu, cervo, mutum, jaburu, siríema, pato, marreco, enfim tudo o que encontram; mas em termos, pois o macaco, por exemplo, é poupado. Com a abertura das fazendas diminuiu sensivelmente a caça; e, somando-se a isso, às vezes encontram até anta morta na estrada. Na pesca, utilizam variadas técnicas, como arco-flecha, anzol, rede, tarrafa, espinhel, timbó (esta técnica apenas aplicada no apresamento de peixes em lago).

Apesar das mudanças, nas "aldeias Xavante de hoje, a paixão pela caça permanece. O território é ainda percorrido pelos caçadores Xavante e pelas mulheres que saem coletando cocos, frutas, alimentos. O que quase já não é mais possível fazer é ausentar-se da aldeia e da roça. O território perde, portanto, aquele caráter de área de domínio e exploração de um grupo Xavante que o percorria sistematicamente e passa a ser o pedaço de terra cujo domínio é preciso assegurar para a garantia da sobrevivência de todo um povo. Os limites de seu território passam a ser a divisa entre dois mundos, entre os quais a realidade de uma relação simétrica parece estar ainda distante." (Lopes da Silva, 1983:52).

As queixas inclusas às páginas 54 e 57 (fls) deste processo, em documento dirigido pelos moradores de Serra Dourada (em 10.12.88) solicitando "medidas enérgicas" contra os Xavante, que estariam invadindo suas residências para saqueá-las, que estariam furtando galinhas, "dissimulando apanhar mangas", ... confirma que os Xavante continuavam a ocupação de suas terras tradicionais (área sub judice). No entanto, a preocupação maior, manifesta por parte dos Xavante, (em relação à área sub-judice), é a preservação (i.é, não-contaminação) das cabeceiras dos córregos que entram na Área Indígena Pimentel Barbosa..

4- Se a área *sub judice* é o local onde se opera várias nascentes que alimentam vários rios da região, servindo principalmente a Aldeia Água Branca?

Segundo investigação realizada na Reserva Indígena Pimentel Barbosa, mesmo um olhar não especializado em "geografia" verificaria que a área *sub-judice* é local onde se encontram várias nascentes que penetram a Área Indígena Pimentel Barbosa e algumas delas abastecem córregos que desaguam no rio que passa junto à aldeia Água Branca.

(ver considerações complementares na resposta ao quesito 5).

5- Qual o tipo de comprometimento possível pelo uso indiscriminado de agrotóxico a esses mananciais?

Pode-se compreender melhor a importância da conservação das nascentes que abastecem os cursos de água que penetram a Área Indígena Pimentel Barbosa, atingindo particularmente a aldeia Água Branca, considerando-se alguns aspectos que explicam sobre o lugar da água na vida dos Xavante, como já foi analisado por Giaccaria (1978), no seu artigo: "Significado da água na cultura Xavante".

Para o Xavante a água, não é apenas um elemento essencial à sobrevivência; possui também valor simbólico. Em todas as cerimônias de iniciação, "o banho ocupa uma parte importante como rito que às vezes se vai repetindo durante meses. É o caso da iniciação à puberdade e da perfuração das orelhas: estando todos pintados, logo no começo da festa, os Wapté se dirigem para o rio, passando por fora da aldeia, segundo as

1010Processo n. 00.0003372-3 (Ação de Interdito Proibitório) - Justiça Federal de Cuiabá - 1a. Vara / laudo de EGW

instruções dos padrinhos."(Giaccaria, 1978:104). Os rios são povoados de espíritos, para os Xavante, foram eles que lhes deram várias qualidades de alimento e curaram diversas de suas doenças. (Cf. id. ibid.).

"A "água viva" dos grandes rios, assim como a "água morta" dos grandes lagos, é povoada por espíritos. Nos rios habitam os espíritos bons, os *Ótedewa*, e nos lagos os maus, denominados *Utedewa*." (id.,1978:96).

"Assim que nasce, o Xavante recebe o seu primeiro banho: imediatamente depois de cortado o cordão umbilical, o recém-nascido é levado ao centro da casa e recebe abundante ducha de água fria, obtida no rio. Perguntado ao velho Jerônimo se a finalidade do banho era a de limpar a criança, recebeu-se a surpreendente resposta de que servia para fazê-la crescer forte e bela." (id.,1978:97)

"O Xavante vai ao rio várias vezes por dia para tomar banho. fica agachado na água rasa e, com as mãos, molha a cabeça e as costas. Só depois deste rito, é que mergulha, nada e se lava." (id.,1978:97)

"Além do banho simples, há outros, que são partes essenciais de determinadas cerimônias, com finalidades diversas. Entre eles, o "Banho do Noivado", que tem por finalidade específica tornar as crianças fortes e bonitas, colocar as bases do noivado e unir mais intimamente as famílias dos futuros esposos." (Giaccaria, 1978:97-98).

Durante a caçada de vários meses, que é parte dessa cerimônia, "... o banho do noivado continua, mas só pela manhã, porque de tarde se faz a distribuição da carne (o que leva muito tempo). São sempre os anciãos que dirigem a cerimônia do banho, e somente fazem exceção quando as mães que conduzem as filhas ao rio se queixam do cansaço das pernas." (Giaccaria, 1978:103).

"Em todas as iniciações, o banho ocupa uma parte importante como rito que às vezes se vai repetindo durante meses. É o caso da iniciação à puberdade e da perfuração das orelhas: estando todos pintados, logo no começo da festa, os wapté se dirigem para o rio, passando por fora da aldeia, segundo as instruções dos padrinhos. Os mais velhos mergulham primeiro, depois vários outros grupos etários, em ordem decrescente de ancianidade, até chegar a vez dos wpaté. A partir deste momento eles não poderão acender fogo, nem forrar o solo com folhas para sentar-se." (id.,1978:104)

"Na água, os wapté imergem as mãos unidas em forma de concha e, acompanhando com os pés o movimento das mãos, jogam água ora para a direita, ora para a esquerda, ora sobre a cabeça. Almoçam sentados na água, comendo uma broa de milho assada debaixo de brasas. Ao acaso, um velho da aldeia vai até o rio para chamá-los e juntos retornam às casas paternas. As irmãs pintam o corpo do wapté com listas pretas de carvão; em seguida, ele se deita na cama de seu pai. Mas na calada da noite, deve levantar-se e ir dormir ao relento numa esteira estendida perto da casa, sobre um estrado de folhas." (id.,1978:104)

...
"O banho ritual, com as cerimônias conexas, se estende por um mês ou mais. Segue-se a perfuração dos lóbulos das orelhas com um estilete de osso de onça e depois os banhos continuam por mais alguns dias. Segundo os Xavante, é um meio para anestesiá-los os lóbulos e também para tornar o corpo forte e belo." (Giaccaria, 1978:104-105).

O mesmo autor escreve a respeito da importância da água e a prática de banho em cerimônias como a da "Iniciação nos segredos da tribo", "Iniciação dos *Dzutšwa* (chefes da festa da onça) e dos *Wa'ra* (panteras negras)", e sobre efeitos diversos obtidos mediante banhos, a saber: para impedir fecundação; para fazer chover; para curar de doenças; para eliminar o cansaço, este tido como uma espécie de doença. Em oposição, há também o "senhor da seca".

A contaminação das águas por agrotóxicos, ou sua turvação pela erosão suprimiriam a vitalidade da água dos mananciais. A nível simbólico "água viva" transformada em algo que interfere no mundo dos espíritos.

Em suma, para o Xavante, segundo Giaccaria (1978), "a água corrente, a água viva, que entra na maioria dos ritos, tem para os Xavante um rico simbolismo. É fonte de vida, força e beleza. Todas as vezes que perguntamos pelo porquê dos vários tipos de banhos, obtivemos como resposta: : *~i hoy petre da*" (~lho = pele humana, isto é, todo o corpo, a pessoa; y = eufônico; da = sufixo que transforma o substantivo em verbo e indica finalidade; para; petre da - arrumar, reparar, tornar belo, forte são). Isto é, a água serve para tornar o homem forte, belo e sadio." (1978:107)

"Enquanto para outras tribos a orientação da aldeia é regida pelo sol, entre os Xavante a

1111Processo n. 00.0003372-3 (Ação de Interdito Proibitório) - Justiça Federal de Cuiabá - 1a. Vara / laudo de EGW

localização tem como marco de referência o curso de água." (id.,1978:107).

Além de utilizarem a água do córrego para matar sua sede, abastecer a cozinha, tomar os banhos diários, a água é pressuposto necessário para se praticar a pesca, no que, segundo Giaccaria (1978), os Xavante "são muito hábeis em flechar os peixes na água e não dispõem de flechas pontiagudas que atravessam as escamas dos peixes ao invés de simplesmente ricochetear." (1978:97).

Não é só a importância simbólica da água, mas sua importância física, no que tange à sobrevivência dos Xavantes. Para aprofundar melhor a compreensão da importância da conservação da qualidade sadia das águas, buscamos algumas reflexões em Morán (1990).

"A Amazônia e as populações nativas que durante séculos conviveram nela encontram-se hoje ameaçadas. Possuidora da maior diversidade biológica do planeta e habitada por diversos grupos étnicos autóctones (entre eles os Xavante), a região experimenta níveis de desmatamento que ameaçam a sobrevivência dos povos autóctones e o patrimônio biológico contido na floresta. As mudanças que tal desmatamento poderiam trazer no ciclo hidrológico e no clima poderão influir também em áreas do sul e do centro do Brasil que produzem alimentos para as grandes populações do país. A perda da diversidade biológica constitui o efetivo empobrecimento de brasileiros ainda por nascer."(Morán, 1990:23).

Os Xavante se incluem na "heterogeneidade das populações que têm habitado a Amazônia, o que reflete a diversidade do ambiente. Essas sociedades são produto do contato interétnico, de processos históricos particulares, da ação das missões religiosas e da natureza da intervenção do Estado. Além disso, elas refletem as diferenças do ambiente físico do qual obtêm sustento físico e espiritual, de diferenças em estruturas demográficas, do impacto das epidemias e da área disponível hoje para manter um certo grau de autonomia (Oliveira 1988:66)." (Morán, 1990:24).

"Uma compreensão das relações entre o homem e o meio ambiente amazônico deve incluir no mínimo uma avaliação de como tal adaptação, ou mal-adaptação, ocorre. Na análise desse processo, precisamos incluir fatores que atuem a longo prazo assim como respostas a curto prazo.

Como o processo adaptativo nunca é perfeito, temos que investigar os fatores que exercem pressão sobre o homem e que o condicionam a responder ou não às pressões existentes." (Morán, 1990:26).

"As relações homem/ambiente foram sempre imperfeitas. A interação entre Homo sapiens e o meio ambiente físico se caracteriza por uma mistura de uso e conservação. Cada sociedade inventa critérios únicos que consagram a maneira pela qual os recursos devem ser utilizados. O homem, da mesma forma que tantas outras espécies, geralmente se reproduz e cresce até os limites que o ambiente permite. Às vezes, responde antecipadamente aos limites ambientais corrigindo seu comportamento reprodutivo e seu uso dos recursos ambientais. Fome, competição com outras espécies ou sociedade, doenças e outras forças ambientais limitam o tamanho e a condição física de qualquer população." (Morán, 1990:27).

"Os mitos de cada sociedade consagram as relações homem/ambiente, em alguns casos identificando nossa origem a partir de outras espécies, criando, em outros casos, antagonismos ou regulamentando o uso de algumas espécies. Dessa maneira, alguns consideram que a ideologia judeu-cristã, baseada no livro do Gênesis, onde "Deus deu ao homem o comando sobre a natureza", está por trás do comportamento utilitário das sociedades desta tradição cultural e religiosa. Em contraposição, sociedades nas quais os mitos indicam que nossa alma pode algum dia habitar no corpo de um animal (hindu), ou que lga nossa origem a espécies do mato (muito encontrado em muitas sociedades da Amazônia), mostram maior cuidado no uso da natureza. somos produtos de nossa história cultural e política."(Morán, 1990:28).

"... a economia capitalista se expandiu por grande parte do planeta e é responsável por grande parte do crescimento populacional e pelos altos níveis de consumo de milhões de pessoas. Não obstante, é também responsável por muitos dos problemas que hoje enfrenta a humanidade: poluição, destruição ambiental, doenças crônicas como a hipertensão e o câncer, desnutrição e extermínio de grupos étnicos." (Morán, 1990:29).

Entende-se o Interdito Proibitório sobre a área sub-judice, como um recurso corretivo utilizado pelo órgão responsável, para salvaguardar a sobrevivência física e cultural dos Xavante.

1212Processo n. 00.0003372-3 (Ação de Interdito Proibitório) - Justiça Federal de Cuiabá - 1a. Vara / laudo de EGW

O comprometimento possível (ou infalível?) decorrente do uso indiscriminado (mesmo que fosse moderado) de agrotóxico a esses mananciais interfere destrutivamente no equilíbrio do ecossistema do qual fazem parte.

Por ecossistema entende-se como "as espécies que vivem num ambiente físico abiótico e as relações funcionais e estruturais que existem entre elas. Em outras palavras, o ecossistema é o contexto geral onde ocorre a adaptação humana (Morán, 1982b). Como as populações humanas se espalham pelo mundo inteiro, tal contexto é muito variável. Uma população humana, num ecossistema específico, apresenta respostas que refletem pressões ambientais presentes e passadas. Quanto maior for o tempo durante o qual uma população habita um ambiente estável, maior será o grau da adaptação dessa população às várias pressões ambientais." (Morán, 1990:31).

"Todo sistema adaptativo caracteriza-se por seu caráter conservador, e as sociedades humanas não são exceções." (Morán, 1990:31)

Há também limites de adaptação. O homem pode suportar diversas formas de poluição, mas significam graves conseqüências para sua saúde física, emocional. A contaminação dos mananciais não se resolve com uma adaptação. Uma água comprometida dessa forma não permite adaptação, seu uso se torna proibitivo, implicando na danificação de toda área ambiental abastecida por esses cursos d'água.

Tanto a possível contaminação das nascentes, quanto a localização de uma vila de famílias da sociedade envolvente, significa uma pressão física e psicológica, além da interferência danosa no ecossistema ao qual a sociedade Xavante está adaptada. Essa interferência poderia resultar em incremento da taxa de mortalidade, conflitos interétnicos (como constam queixas, acima mencionadas, de agricultores de Serra Dourada, no presente processo, às folhas 54 e 57) e internos. Como em outras situações, decresce a fertilidade das mulheres, decorrente do maior número de pressões físicas e psicológicas. (Cf. Morán, 1990:33).

"A situação nutricional pode tomar vários rumos, dependendo do grau de deslocamento e transformação que o sistema de subsistência experimenta. Sinais de desnutrição aumentam com a intensificação do contato interétnico." (Morán, 1990:33). A introdução de produtos industrializados, acentuada com um aumento de

contato, via missões, posto de FUNAI, vilas próximas à Reserva, em termos nutricionais, raramente é positiva. "Em geral, os produtos predominantes são o açúcar refinado, o sal de mesa e bebidas alcoólicas destiladas, associados a desordens crônicas e metabólicas como o bócio (Vieira Filho 1981), a diabetes (Vieira Filho 1977) e doenças cardíacas antes inexistentes (Fleming-Morán e Coimbra 1989)." (Morán, 1990:33-34).

"O ambiente de um indivíduo, ou de uma população, inclui o conjunto de pressões materiais que podem advir tanto do ambiente físico quanto do ambiente humano ou social." (Morán, 1990:35).

"Cada população tem idéias próprias sobre as suas relações com o meio ambiente. Tais idéias e teorias são em grande parte meros reflexos da situação geral dessa sociedade dentro do mundo. Uma sociedade relativamente autônoma, como por exemplo algumas das populações mais isoladas da Amazônia, terá relações íntimas e de profunda familiaridade com o meio ambiente do qual depende para suprir suas necessidades. Enquanto que uma sociedade na qual as comunidades são interdependentes e especializadas, como por exemplo as populações urbanas, dependerá tanto ou mais das suas relações institucionais com outras comunidades do que do ambiente físico para sua sobrevivência. Portanto, quando falamos das relações entre o homem e o ambiente, temos que observar com precisão o grau de relacionamento entre a população humana e seu ambiente. Em alguns casos, o ambiente com o qual interage a população é um ambiente físico (a natureza), enquanto que em outros casos tal ambiente será principalmente as instituições sociais (i.é, a sociedade), com a possível exceção dos bandos primitivos (i.é, sociedades caçadoras/coletoras), as comunidades humanas dependem da mediação social tanto ou mais do que dependem do ambiente físico. Portanto, as relações ambientais do Homo sapiens só podem ser compreendidas se inclui o papel da cultura e das instituições sociais que intervêm entre nós e o ambiente (Ellen 1982)." (Morán, 1990:37).

A preocupação quanto à relação homem/ambiente é bastante antiga, dentro da tradição ocidental. "Santo Tomás de Aquino aceitou as idéias de Aristóteles e de outros sobre a influência do clima nas civilizações, acrescentando que uma área urbana deve ser bem ventilada e drenada além de possuir fontes de água. Assim, Santo Tomás de Aquino fez uma importante

1313Processo n. 00.0003372-3 (Ação de Interdito Proibitório) - Justiça Federal de Cuiabá - 1a. Vara / laudo de EGW

conexão entre saúde de uma população e seu padrão de desenvolvimento. Como Hipócrates, Aquino observou que "os desequilíbrios ecológicos traduzem-se em problemas sanitários, uma vez que a saúde resulta de um equilíbrio homeostático entre um organismo e o meio físico e biótico em que normalmente vive" (Avila-Pires 1983) (Morán, 1990:43).

É observando a história cultural que se pode encontrar a explicação das relações entre o homem e a natureza.

O ambiente pode ser entendido adequadamente, a partir da maneira pela qual é reconhecido pela população. (Cf. Morán, 1990:59).

Conforme os dados etnográficos apresentados por Glaccaria (1978), determinados rituais Xavante apresentam adaptação específica ao meio ambiente, particularmente na relação com a água. "Cada sociedade tem uma relação com o meio ambiente através das diferentes práticas religiosas que cada uma possui. ... Cada sociedade têm uma relação com o meio ambiente em função de uma ideologia particular, existente dentro de uma cultura que socializa seus membros." (Morán, 1990:67).

"O método etnoecológico considera que o conhecimento do homem sobre o ambiente tem um efeito sobre os seus atos. O entendimento das estruturas cognitivas de uma população é de grande valor para uma compreensão etnográfica e ecológica." (Morán, 1990:71).

Para o Xavante poder sobreviver físico e culturalmente, necessita de água limpa. No entanto, ele se vê ameaçado, e não apenas ameaçado, mas toihido na sua qualidade de vida, em decorrência da poluição da água que utilizam. Pois, segundo um profissional em zootecnia (março/95), atualmente toda a lavoura utiliza um produto(veneno) denominado carbofuran, que, no entanto, não tem poder residual, sendo inexistente 45 dias após seu uso. Serve no tratamento de semente para combate de cigarrinha, cupim, broca. Ora, na área sub-judice há lavoura de arroz, (como "primeira planta"), e de soja, sendo esta última a que utiliza necessariamente agrotóxicos, contaminando as águas dos córregos que abastecem a aldeia Água Branca.

6- Se a área sub judice se utilizava de agrotóxicos na defesa de suas lavouras?

O bairro "Serra Dourada" que se situa junto à BR 158, soma aproximadamente

setenta residências, sendo que mais de vinte na área sub-judice. Nessa área, segundo informação de um morador local e segundo depoimento do cacique Damião (Água Branca) encontra-se um tanque de água, que é utilizado como "piscina" por moradores do referido bairro, e que provocaria sujeira que, levada pelos cursos d'água, prejudicariam a qualidade da água do rio que abastece a aldeia Água Branca. Na área sub judice ainda se encontra uma plantação de arroz (vista no início de março de 1995), e uma plantação mais extensa de soja. Segundo informação de um profissional em zootecnia, a lavoura de soja exige o uso de agrotóxicos. O cacique Damião expôs que reiteradamente tem solicitado aos agricultores que evitem plantações comprometedoras junto às nascentes, para salvaguardar a água que passa junto à aldeia. Mesmo assim, há os que estão desmatando as cabeceiras dos córregos e plantando soja.

Segundo o mesmo informante, cacique Damião, na época que precedeu a interdição, acharam duas latas e um saco, que podiam ter sido de adubo ou de agrotóxico. Suspeitam inclusive de envenenamento proposital, certamente como resposta a conflitos existentes entre Xavante e elementos da sociedade envolvente. Segundo o cacique Damião, sente-se que "há inimigo que quer por veneno para acabar conosco."

Esclarecem os Xavante que, com a primeiras chuvas apareceram peixes mortos na água do córrego Água Limpa, que abastece a aldeia Água Branca. Queixam-se de que os agricultores vizinhos jogam, todo ano, animais mortos (cachorro, rês) nos córregos, ou simplesmente jogam "do lado de cá" (da BR), isto é, na área sub-judice, região de nascentes de cursos de água que regam a Reserva Indígena Pimentel Barbosa.

Segundo essas informações, na área sub-judice continua-se utilizando agrotóxico, além de outras formas de comprometimento da qualidade da água do rio que abastece a aldeia Xavante de Água Branca.

7- Se não fosse operada a interdição da área sub judice quais danos que poderiam advir a cultura do Grupo Indígena Xavante e a sua área imemorial?

Segundo a resposta aos quesitos 5 e 6, pode-se avallar que a interdição não foi acatada

1414 Processo n. 00.0003372-3 (Ação de Interdito Proibitório) - Justiça Federal de Cuiabá - 1a. Vara / laudo de EGW

totalmente, implicando nos danos correspondentes.

Se a interdição não se operar, poderão advir danos irreparáveis à sobrevivência físico e cultural dos Xavante. A contaminação das nascentes com agrotóxicos e com animais mortos, além de outras impurezas, segundo a concepção Xavante, representa, pelo menos, uma falta de respeito, além de ser uma ameaça constante a sua vida

8- Queiram os Srs. Peritos esclarecerem outros pontos que acharem importantes.

O fato de a gleba "sub-judice" encontrar-se fora do perímetro da Área Indígena Pimentel Barbosa, não deve comprometer o direito dos índios Xavante, (anterior a qualquer legislação) de utilizarem as terras que constituem seu habitat tradicional. Esse direito subsiste apesar dos erros e/ou omissões permitidos pelo órgão responsável.

Permito-me observar que é estranha a escolha da área limítrofe de uma Reserva Indígena para sediar um loteamento minifundiário e constituir uma vila. Sabe-se do prejuízo para os índios, decorrente do contato intenso com os civilizados, provocado pelo loteamento minifundiário ao longo dos limites de Reservas Indígenas.

Bibliografia

(1) Baptista, Angela Maria,

"Imemorialidade da Presença Indígena, Pimentel Barbosa e Parabubu" (Informação s/n/DID/DGPI - Ref.: Memo.no,60/PJ/81), 1981.

Giaccaria, B. e Heide, A.

"Xavante - Povo Autêntico". São Paulo, Editorial Dom Bosco, 1972.

--- "Significado da água na Cultura Xavante". In Rev. de Antropologia Vol 21, I parte. São Paulo, EDUSP, 1978.

Lopes da Silva, Aracy

"Xavante: Casa - Aldeia - Chão - Terra - Vida", in "Habitações Indígenas". Novaes, Sylvia Caluby (org). São Paulo, Liv. Nobel S.A. / EDUSP, 1983.

--"Estudo do Laudo Antropológico assinado pelo Senhor Jurandir Brito da Silva, nos

autos da Ação de Desapropriação indireta n. 10.535/83". São Paulo, USP - FFLCH - Depto. de Antropologia. Texto mimeografado. Arquivo CEDI, XVD 92, 1987.

--"A expressão mítica da vivência histórica: tempo e espaço na construção da identidade Xavante", in Anuário Antropológico 82. Fortaleza, Univ. Federal do Ceará / Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1984, pp. 200-214.

Lopes da Silva, Aracy

"Xavante: Casa - Aldeia - Chão - Terra - Vida", in "Habitações Indígenas". Novaes, Sylvia Caluby (org). São Paulo, Liv. Nobel S.A. / EDUSP, 1983.

--"Estudo do Laudo Antropológico assinado pelo Senhor Jurandir Brito da Silva, nos autos da Ação de Desapropriação indireta n. 10.535/83". São Paulo, USP - FFLCH - Depto. de Antropologia. Texto mimeografado. Arquivo CEDI, XVD 92, 1987.

--"A expressão mítica da vivência histórica: tempo e espaço na construção da identidade Xavante", in Anuário Antropológico 82. Fortaleza, Univ. Federal do Ceará / Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1984, pp. 200-214.

Maybury-Lewis, David

"A Sociedade Xavante". Rio de Janeiro, Ed. Francisco Alves, 1984.

Ravagnani, Oswaldo Martins - "A Experiência Xavante com o Mundo dos Brancos". In: Textos, n. 9, Unesp, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 1991.

Valadão, Virginia Marcos

Laudo Antropológico referente à Ação Ordinária n. 90.181-1. Mimeografado, 1994.

Eugênio Gervásio Wenzel.

1515Processo n. 00.0003372-3 (Ação de Interdito Proibitório) - Justiça Federal de Cuiabá - 1a. Vara / laudo de EGW

¹ Informação prestado pelo Sr. Osvaldo Borges Pinto, funcionário da FUNAI, Administração Regional de Nova Xavantina, MT, (01 de março de 1995)

² Conforme informação de um funcionário da Administração Regional da FUNAI de Nova Xavantina(motorista) que atende à alcunha de Nenezão (março de 1995).

²³ Segundo um morador de Serra Dourada (mar/95) ele seria o único a manter relacionamento amistoso com os Xavante, permitindo que apanhem mangas, oferecendo sacaria, eventualmente, além de outras formas, recebendo também presentes dos Xavante.

¹ Essa informação foi prestada pelo funcionário Nenezão da Administração Regional da FUNAI - Nova Xavantina, MT

² Informação prestada por Osvaldo, funcionário da Administração Regional da FUNAI, Nova Xavantina, MT.